

LAUDATO SI' – Sobre o cuidado da Casa Comum
Ver, Julgar, Agir, Celebrar

INTRODUÇÃO

Neste encontro da comunidade FRATERNITAS, vamos fazer uma leitura da Carta Encíclica *Laudato si'* que, em 2015 (há já 5 anos!), o Papa Francisco dirigiu aos cristãos e a “todas as pessoas de boa vontade”.

Mas, antes de começarmos a lê-la, gostaria de sublinhar como ela se inscreve harmoniosamente na unidade das anteriores mensagens pastorais do Papa, em especial com *A Alegria do Evangelho* e *A Alegria do Amor*. No seu conjunto, elas tecem um percurso, “uma mística de travessia” (na expressão de Teilhard de Chardin): Radicados na vivência do Evangelho, unidos pela força do Amor, somos cocriadores e cuidadores da nossa Casa Comum, a Terra.

Começemos pelo princípio: porquê o título *Laudato si'*, “Louvado sejas, meu Senhor”?

Recolhe-o em São Francisco de Assis, o santo de quem tomou o nome por guia e inspiração, no momento da eleição para Bispo de Roma, e que evoca como “um místico e um peregrino, que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo”. No seu *Cântico das Criaturas*, São Francisco recorda-nos que a Terra, “a nossa casa comum, se pode comparar, ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços”. Para o Papa, o Santo de Assis “é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade”. (10-12)

Movido pelo exemplo de São Francisco e pelo cuidado desta nossa casa comum, o Papa Francisco alerta a humanidade para a situação de emergência ecológica em que se encontra a nossa irmã Terra: ela “clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou”. Mas este alarme do Papa Francisco vai muito além de uma visão da crise ambiental, ao centrar a sua mensagem num novo paradigma ecológico, a “ecologia integral”, conceito muito mais rico do que o da ecologia tradicional, entendida como apenas ambiental. Fundamenta o seu magistério na informação mais recente das ciências da terra e da vida e interpreta esses dados com a inteligência e o coração: perante a devastação do nosso planeta, ele traz à luz o sofrimento dos mais pobres dos pobres, os que não têm voz, - afinal os que não provocaram a

crise atual mas de que são as principais vítimas, - apelando para que escutemos “o grito da Terra e o grito dos pobres”. Denuncia a “raiz humana da crise ecológica” e identifica rigorosamente as ameaças que pesam sobre o nosso futuro. Mas adianta sempre janelas de esperança e de confiança numa mudança de rumo e no encontro de soluções viáveis que revertam a injustiça ecológica e a injustiça social, no sentido “de uma conversão ecológica global”. Apela veementemente a que, pela oração e pela ação, instauremos “uma cultura do cuidado que impregne toda a sociedade”. (1-6)”

Na *Laudato sí*, Francisco acolhe o contributo dos textos bíblicos, dos papas que o precederam, do Patriarca Ecuménico de Constantinopla Bartolomeu, das conferências episcopais do mundo inteiro (nomeadamente das igrejas latino-americanas) e de cientistas e pensadores de diferentes ramos e proveniências (7). Ao contrário do que os seus críticos opinam, revela uma densa e consistente preparação teológica e uma vasta cultura interdisciplinar.

É, pois, “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum” que motiva o seu apelo a um diálogo e à colaboração e empenhamento de todos “para reparar o dano causado pelos humanos sobre a criação de Deus, ...e de cada um, a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades”. Lembra que “Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos” (13-14)

Filia a sua mensagem “no magistério social da Igreja” e, para facilitar a leitura da encíclica, anuncia a estrutura que a organiza, bem como os “eixos” temáticos que a suportam. (15-16) Como método, adota o percurso consagrado na reflexão teológica das igrejas latino-americanas

VER > JULGAR/DISCERNIR > AGIR > CELEBRAR

Estrutura da Carta Encíclica

A partir da Introdução, a Encíclica desenvolve-se em 6 capítulos que, conforme o Papa anuncia, progressivamente retomam e aprofundam os seguintes **eixos temáticos transversais**:

- Relação íntima entre os pobres e a fragilidade do Planeta
- Tudo está estreitamente interligado no mundo
- Crítica do novo paradigma e das formas de poder derivadas da tecnologia
- Convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso
- Valor próprio de cada criatura

- Sentido humano da ecologia
- Necessidade de debates sinceros e honestos
- Grave responsabilidade da política internacional e local
- Cultura do descarte
- Proposta de um novo estilo de vida

Como foi dito, estes temas atravessam todos os **6 capítulos**, que levam os seguintes títulos:

- I. O QUE ESTÁ A ACONTECER À NOSSA CASA
- II. O EVANGELHO DA CRIAÇÃO
- III. A RAIZ HUMANA DA CRISE ECOLÓGICA
- IV. UMA ECOLOGIA INTEGRAL
- V. ALGUMAS LINHAS DE ORIENTAÇÃO E AÇÃO
- VI. EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICAS

Permitam-me que abra um breve parêntese para comentar a linguagem e o estilo da pastoral do Papa Francisco: embremos a forma como ele nos falou, logo após a sua eleição, da varanda de Praça de São Pedro. Transparecia simplicidade e afeto, tão próxima de nós e em tudo distante de um discurso hierático e circunstancial. Pois é essa mesma simplicidade e proximidade iniciais que encontramos na *Laudato si'*, tal como nas cartas e encíclicas que a precederam. Fala para o povo de Deus, torna compreensível a densidade da mensagem e a gravidade da crise que vivemos, mas comunica a alegria e a esperança que a fé em Deus e a caridade podem inspirar.

Depois desta Introdução, iniciemos, então, uma

SÍNTESE DE LEITURA da Carta Encíclica *LAUDATO SI'*

I capítulo – O que está a acontecer à nossa casa (17-61)

O Papa procura fazer-nos VER (o 1º passo do seu percurso reflexivo) – para tomarmos consciência dos males de que padece a humanidade e o mundo”, males que podem ser observados e reconhecidos. Enuncia dois fatores que contribuem para o seu agravamento: “a contínua aceleração das mudanças na humanidade e no Planeta”, que ultrapassam a “lentidão natural da evolução biológica”, e cujos “objetivos não estão necessariamente

orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral”. (17-19)

De seguida, agrupa em sete campos “as questões que hoje nos causam inquietação, com a intenção confessada de nos fazer “tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo” e, assim, suscitar “a contribuição que cada um lhe pode dar” (20-61):

1. Poluição e mudanças climáticas, que desenvolve em dois temas:
 - Poluição, resíduos e cultura do descarte
 - O clima como bem comum
2. A questão da água
3. Perda de biodiversidade
4. Deterioração da qualidade de vida humana e degradação social
5. Desigualdade planetária
6. A fraqueza das reações
7. Diversidade de opiniões

Não é possível reproduzir aqui o levantamento sistemático e rigorosamente científico que o Papa faz dos sinais da crise ecológica já instalada no Planeta: a degradação dos recursos naturais, como a água, por exemplo, o desflorestamento e a desertificação, a monocultura e a pesca predatória, o abuso dos combustíveis fósseis e o aquecimento do sistema climático, a perda da biodiversidade, um sem fim de atentados à vida da terra e da humanidade. Confirmando o seu lúcido diagnóstico, desde então até hoje, multiplicaram-se idênticos alarmes emitidos pelos mais diversos setores, aliás tragicamente confirmados pelos gravíssimos desastres naturais e as crises sociais e humanitárias que têm vindo a acontecer, e que afetam de modo especial os mais frágeis do Planeta. O último Relatório do Painel Intergovernamental das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, de 25 de setembro passado, é, no mínimo, assustador. Ainda na mesma linha, recordando a Carta pastoral da Conferência Episcopal da Bolívia, de 2012, o Papa acrescenta: “Tanto a experiência comum da vida como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres”. Perante este quadro alarmante, o Papa lamenta “a falência das cimeiras mundiais sobre o ambiente” e a “fraqueza da reação política internacional”, no combate às causas que o provocam e que também identifica: a cativação da economia pela finança e pela tecnologia, o domínio de uma cultura do descarte sobre o modelo circular de produção, a corrupção e a especulação financeira, os

hábitos nocivos de consumo. Alerta, ainda, para que este contexto económico, político, ambiental e social é gerador de conflitos e constitui “um cenário favorável a novas guerras” (57).

Termina o capítulo, reconhecendo com humildade que, embora à Igreja não caiba propor uma palavra definitiva, ela “deve escutar e promover o debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões”. Mas acrescenta: “Basta, porém, olhar a realidade com sinceridade, para ver que há uma grande deterioração da nossa casa comum” e que “o atual sistema mundial é insustentável”. (61)

II capítulo – O Evangelho da criação (62-100)

Como afirmou logo de início, o Papa dirige a sua mensagem a “todas as pessoas de boa vontade” para que se unam no “diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do Planeta”. Mas neste capítulo interpela particularmente os cristãos (“e, em parte, também a outros crentes”) uma vez que “a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé.” (64)

Começa, então, por remontar às grandes narrações bíblicas, interpretando, a partir da sua linguagem simbólica, que “a existência humana se baseia em três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra.” Ao Homem Deus confiou a missão de “cultivar e guardar” “o jardim do mundo” (Gn 2, 15), “o que implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza”. Invoca o canto dos Salmos e os escritos dos profetas e sublinha o significado que a tradição judaico-cristã atribui à criação: “Mais do que dizer natureza, tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado.”(76) “Ele está presente no mais íntimo de cada coisa (...) e esta presença é a continuação da ação criadora.”(80) Sem referir explicitamente o termo, parte de uma visão evolucionista do universo, reconhecendo, porém, que, entre os seres criados, “o ser humano implica uma novidade que não se explica cabalmente pela evolução doutros sistemas abertos. Cada um de nós tem em si uma identidade pessoal, capaz de entrar em diálogo com os outros e com o próprio Deus. (79-81)

E, mais adiante, o Papa cita João Paulo II: “Deus escreveu um livro estupendo “cujas letras são representadas pela multidão de criaturas presentes no universo. (...) Para o crente, contemplar a criação significa também escutar uma mensagem, ouvir uma voz paradoxal e silenciosa. (...) Podemos afirmar que, ao lado da revelação propriamente dita, contida nas

Sagradas escrituras, há uma manifestação divina no despontar do sol e no cair da noite.” (85)

E, no parágrafo 83, dá-nos uma visão cósmica da criação, do seu mistério e do seu destino: “A meta do caminho do Universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal. (...) O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente conosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente onde Cristo tudo abraça e ilumina. Com efeito, o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador.” (83)

Este denso parágrafo de natureza escatológica remete explicitamente para o Cristo Cósmico, o Pantocrator, fundamento da visão cristológica de Teilhard de Chardin. E é também, de uma forma explícita, que o Papa Francisco nomeia e reconhece a contribuição teilhardiana para esta visão teológica.

Reafirmando a comunhão de origem e destino da criação, de todos nós e todos os seres do Universo, que passa pelo mistério de Cristo, nela presente desde a origem (Cl 16), o Papa fecha este capítulo do Evangelho da Criação numa mística e poética expressão:

“Assim, as criaturas deste mundo já não nos aparecem como uma realidade meramente natural, porque o Ressuscitado as envolve misteriosamente e as guia para um destino de plenitude. As próprias flores do campo e as aves que Ele, admirado, contemplou com os seus olhos humanos, agora estão cheias da sua presença luminosa.” (100)

III capítulo – A raiz humana da crise ecológica (101-136)

Neste capítulo, entramos claramente no espaço do discernimento (exercício tão inaciano!), no JULGAR, segundo passo da sua metodologia. Se, neste capítulo, o Papa exprime o seu reconhecimento pela capacidade de progresso da humanidade, ele convida-nos a refletir sobre os limites do paradigma tecnocrático globalizado, dominante na era de mudança profunda em que vivemos, e sobre o “lugar que nele ocupa o ser humano e a sua ação no mundo” (101).

Alegra-se com as inovações que a ciência e a tecnologia trouxeram à humanidade, nomeadamente nos domínios da “medicina, engenharia e comunicações”, mas manifesta a sua inquietação face ao “poder tremendo”

que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio ADN representam, poder que é detido apenas por “uma pequena parte da humanidade”. (104)

O Papa questiona a confiança na possibilidade de um crescimento ilimitado, a fé no endeusamento dos mercados, a exaltação do paradigma tecnocrático na política e na economia, a maximização dos ganhos, as megaestruturas arquitetónicas (tal como os mega transatlânticos turísticos), sistemas gerados por “um antropocentrismo desordenado”(119) e desumanizante, “que não reconhece aos outros seres um valor próprio (e chega) até à reação de negar qualquer valor peculiar ao ser humano” (como o trato dado aos náufragos do Mediterrâneo ou a recusa de proteção aos refugiados,). Descendo ao particular, o Papa radica neste antropocentrismo desordenado “um estilo de vida desordenado em que (cada um) acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo.” Este relativismo prático alimenta atitudes que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social,” e obedece a uma lógica do descarté, do “usa e deita fora” (123), seja na relação com o meio ambiente, seja com as outras pessoas. Este problema reveste particular atenção quando o Papa aborda o valor do trabalho: “o trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização social” (128). “Alerta para as consequências nefastas que advêm da substituição dos postos de trabalho pelo recurso às máquinas e apela à responsabilidade e criatividade dos empresários para que promovam “uma economia que favoreça a diversificação produtiva.”(129)

Amigo de um desenvolvimento humano, o Papa incentiva “a inovação biológica a partir da pesquisa”: “é legítima uma intervenção que atue sobre a natureza para a ajudar a desenvolver-se na sua própria linha, a da criação, querida por Deus”, mas aconselha a que se considere os objetivos, os efeitos, o contexto e os limites éticos de tal atividade humana, que é uma forma de poder com grandes riscos.”(131-132). Dirige um apelo a “um debate científico e social que seja responsável e amplo, capaz de considerar toda a informação disponível e chamar as coisas pelo seu nome”. (135)

Termina este 3º capítulo, afirmando:

“Quando a técnica ignora os grandes princípios éticos, acaba por considerar legítima qualquer prática. (...) A técnica separada da ética dificilmente será capaz de autolimitar o seu poder.” (136)

IV Capítulo – Uma ecologia integral (137-162)

É neste capítulo que se encontra inspiradamente desenvolvido o conceito inovador de “ecologia integral”. Segundo o Papa, “nunca será demais insistir, tudo está interligado.” (138) “Quando falamos de “meio ambiente”, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que nela habita. (...) Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. (..) É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.” (139)

Na sequência dos anteriores patamares VER e JULGAR, que nos levaram a olhar e a tomar consciência do que está a acontecer à nossa casa comum, o Papa Francisco convida-nos a **AGIR**, ou seja, a assumir responsabilidades. Nesta perspectiva, o Papa insiste na necessidade de promover novas formas de ecologia:

- uma ecologia económica, “capaz de induzir a considerar a realidade de uma forma mais ampla” e de gerar um desenvolvimento sustentável,
- uma ecologia social, “necessariamente institucional, que abranja “as diferentes dimensões, que vão desde a família até à vida internacional, passando pela comunidade local e a nação
- uma ecologia cultural, que integre “a história, a cultura e a arquitetura de um lugar, salvaguardando a sua identidade original, (...) fazendo dialogar a cultura técnico-científica com a linguagem popular, (...) e solicitando “o protagonismo dos atores sociais locais, a partir da sua própria cultura”.
Uma ecologia que preste “uma atenção especial às comunidades aborígenes.” (grande objetivo do Sínodo para a Amazônia, que convocou, e que decorre atualmente em Roma)
- uma ecologia da vida quotidiana, que se reflita no esforço público pela melhoria global na qualidade de vida humana e na correção e superação de um ambiente degradado. Esse esforço tem de incidir na recuperação dos espaços urbanizados, na rede de transportes, na política da habitação, na revitalização das áreas rurais isoladas. Em suma, uma ecologia orientada pelo princípio do bem comum.
- uma ecologia humana, vivida nos comportamentos individuais, no dia a dia em simplicidade, com sobriedade, e no “respeito pelo próprio corpo, como dom de Deus.”

- enfim, uma ecologia intergeracional, que acautele e defenda o bem comum das gerações futuras, entregando-lhes um planeta habitável.

Ao fechar este capítulo, intitulado *Uma ecologia integral*, o Papa assume um tom coloquial, quase confessional, quando nos pergunta:

“Que tipo de mundo queremos deixar a quem nos vai suceder, às crianças que estão a crescer?” E, indo ainda mais ao fundo das nossas consciências, interpela-nos sobre “o sentido da nossa passagem por esta terra”:

“Com que finalidade passamos por este mundo? Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra?” (160)

V Capítulo – Algumas linhas de orientação e ação (163-201)

Neste capítulo, totalmente orientado para o **AGIR**, o Papa Francisco procura “delinear grandes percursos de diálogo que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição onde nos estamos a afundar.”

Assim, a certeza de que tudo está estreitamente ligado no mundo “obriga-nos a pensar **um projeto comum** (...), um consenso mundial que leve, por exemplo, a programar uma agricultura sustentável e diversificada, desenvolver formas de energia renováveis e pouco poluidoras, fomentar uma maior eficácia energética, promover uma gestão mais adequada dos recursos florestais e marinhos, garantir o acesso à água potável.”(164)

Apesar de reconhecer que o movimento ecológico internacional já percorreu um longo caminho, reconhece também que as cimeiras mundiais sobre o meio ambiente até agora não corresponderam às expectativas, por falta de decisão política. Com efeito, “ O século XXI, mantendo um sistema de governança próprio de épocas passadas, assiste a uma perda de poder dos Estados nacionais, sobretudo porque a dimensão económico-financeira, de carácter transnacional, tende a prevalecer sobre a política” (175). Assim tem acontecido relativamente ao cuidado da biodiversidade, ao combate à desertificação, à emissão de gases com efeito de estufa. Denuncia, ainda, os efeitos perversos de algumas das medidas tomadas, como a imposição de iguais quotas de redução de emissões para países desenvolvidos e industrializados e países de menor desenvolvimento e recursos ou da estratégia potencialmente especulativa de compra-venda de “créditos de emissão”. (171)

Face a esta situação, o Papa apela ao **diálogo sobre o meio ambiente na política internacional** para que se estabeleçam padrões reguladores globais

que impeçam ações inaceitáveis, assim como acordos “sobre os regimes de governança para toda a gama dos chamados bens comuns globais.”

Dirige o mesmo apelo ao **diálogo para novas políticas nacionais e locais**, diversificadas e respeitadoras das identidades, e avança sugestões concretas, chegando mesmo a exclamar: “É tanto o que se pode fazer!”

Igualmente apela ao **diálogo e transparência nos processos decisórios**, para suscitar a participação dos cidadãos, e melhor servir o bem comum.

Será, ainda, no **diálogo para a plenitude humana entre a política e a economia**, e não na sujeição da economia aos ditames da política e ao paradigma da tecnocracia, que deverá ser procurado “o progresso e o desenvolvimento humano” orientados para o bem comum.(189)

Finalmente, o Papa apela ao **diálogo na relação das religiões com as ciências, das religiões entre si, e também ao diálogo entre as próprias ciências**: “Convidando a maravilhar-se diante do mistério da criação, a fé alarga os horizontes da razão para iluminar melhor o mundo que se abre aos estudos da ciência.”(*Lumen fidei*, 34)

VI Capítulo – Educação e espiritualidade ecológicas (202-246)

Neste último capítulo, o Papa Francisco faz convergir os passos percorridos nos diferentes momentos da sua reflexão

- O VER, o JULGAR e o AGIR –

num passo final

- o CELEBRAR.

É muito difícil sintetizar o conteúdo da densa mensagem que o Papa nos deixa, neste final da *Laudato si'*. Toda ela é um lúcido e comovido apelo a que nos convertamos e, por isso, exige não só uma demorada leitura integral a realizar no espaço da nossa consciência pessoal como também a fazer em partilha comunitária.

Atrever-me-ia, porém, a ressaltar alguns dos caminhos que o Papa Francisco nos propõe, “inspirados no tesouro da experiência espiritual cristã”:

- a chamada insistente a uma mudança de atitudes e estilos de vida “que recupere os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com os seres vivos, o espiritual com Deus”,

- a adoção, na vida quotidiana, familiar e comunitária, de comportamentos amigos do ambiente, que até podem parecer irrelevantes, mas que refletem uma cultura de cuidado e uma disciplina pessoal responsável,

-a intervenção na ação civil e política, económica e cultural, manifestada em todas as ações que procuram construir um mundo melhor, “revalorizando o amor na vida social como a norma constante e suprema do agir”.

Aos **cristãos**, em particular, apela a uma “conversão ecológica”, lembrando

- que “as convicções da nossa fé e aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver, são a “mística” que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária”,

-“que a espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco”,

- “que uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia, e cuja presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada.”

E é nesta atitude de contemplação que, quase a finalizar, o Papa Francisco nos fala da celebração da Eucaristia. Ouçamo-lo:

“Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmo dá graças a Deus. Com efeito a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico. Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar de uma igreja de aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, *sobre o altar do mundo*.

A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador. Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira.”

Termina, convidando-nos a rezar:

“Depois desta longa reflexão, jubilosa e ao mesmo tempo dramática, proponho duas orações: uma que podemos partilhar todos quantos

acreditamos num Deus Criador Onnipotente, e outra pedindo que nós, cristãos, saibamos assumir compromissos para com a criação que o Evangelho de Jesus nos propõe.” (246)

CONCLUSÃO

São passados 4 anos desde que o Papa Francisco nos deu a *Laudato si'* e nos incitou a uma “**cultura do cuidado**” e a uma “**conversão ecológica integral**”.

Entretanto, agravaram-se, de forma alarmante, os problemas ambientais e sociais, para os quais ele nos tinha alertado: cresceram em quantidade e gravidade os desastres climáticos e as tragédias humanas. A ascensão do populismo conduziu ao poder governantes impreparados e indiferentes “tanto ao clamor da mãe terra como ao clamor dos pobres”.

Aparentemente, estamos próximos de uma catástrofe final.

Porém, o Papa Francisco dá-nos também a certeza de que “O Criador nunca nos abandona, nem se arrepende de nos ter criado.” E que “A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum.” (13), “porque os seres humanos são capazes de se olhar para si mesmos com honestidade, exteriorizar o próprio pesar e encetar caminhos novos rumo à verdadeira liberdade.”

E, graças a Deus, hoje podemos ver sinais que reforçam a nossa esperança numa reconversão de estilo de vida e de paradigma de desenvolvimento. Para confirmar estes sinais de esperança, enunciarei as mais recentes iniciativas em prol da defesa da terra e dos mais frágeis:

- uma progressiva **tomada de consciência do perigo** que já vive connosco e da necessidade de mudança nos comportamentos individuais e sociais,

- a retomada do debate sobre as questões ambientais, a nível da política internacional, com a realização de cimeiras mundiais, como a **Cimeira das Nações Unidas para a Ação Climática**, que no mês passado aconteceu em Nova York, com o objetivo de acordar medidas para se alcançar, o mais rápido possível, o nível zero de emissões de gases com efeito de estufa e conter o aumento médio da temperatura global em 1,5º C relativamente aos níveis pré-industriais, em consonância com os objetivos do Acordo de Paris,

- o **Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazónica**, convocado pelo Papa Francisco, que reúne neste mês de outubro em Roma, em Assembleia Especial, para encontrar “Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. Precedido de um Documento preparatório notável que anuncia já corajosos temas na sua agenda, este Sínodo tem sido alvo de ataques, tanto de políticos interessados na prevalência de “uma economia que mata” como de vozes dentro da própria Igreja, que se recusam a ler a mensagem do Evangelho,

- **os movimentos dos jovens**, em quem o Papa reconhece uma força de futuro, e que, por todo o mundo, estão a fazer ouvir a sua voz e a assumir um crescente *empowerment* neste clamor de mudança,

- o encontro ***Economia de Francisco***, a realizar em Assis, em março de 2020, onde, a convite expresso do Papa, jovens economistas, empresários e empresárias, com menos de 35 anos, crentes e não crentes, provenientes de todo o mundo, se vão reunir com especialistas de renome e com *change-makers*, a fim de “estabelecerem um pacto para mudar a economia atual e dar uma alma à economia de amanhã”, mais justa, sustentável e inclusiva.

- o encontro ***Reconstruir o pacto educativo global***, a realizar em Roma, em Maio de 2020, para marcar os cinco anos da Encíclica *Laudato si'*, que reunirá agentes da área de Educação de todo o mundo, “para reativar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão.”

Na mensagem para a celebração do “**Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação**”, o Papa incita “cada membro da família humana para, com a oração e o compromisso, tecer, como um fio subtil mas único e indispensável, a rede da vida que a todos abraça”.

Caras amigas e amigos, unidos com o Papa Francisco juntemo-nos a estas iniciativas, pela oração e pela ação, pois

“É tempo de redescobrir a nossa vocação de filhos de Deus, irmãos entre nós, guardiões da criação.”

(Mensagem do Papa Francisco no Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, 2019)

